

Celso Gutfreind. *Meus melhores poemas*. Porto Alegre: Bestiário, 2024. 196 p.

Nossa cultura judaico-cristã vê os opostos como um contra o outro. Deus deve derrotar o diabo. O bem luta contra o mal. Numa cultura mais ao Oriente, mais taoísta, os opostos se complementam. O dia e a noite, por exemplo, formam um todo em que um precisa do outro. Um não existe sem o outro.

A poesia de Celso Gutfreind, tendo como amostra seu livro *Meus Melhores Poemas*, seleção organizada pelo poeta revisitando sua produção, organiza-se em torno de dualidades que não se harmonizam. Ao contrário, um lado dessa dualidade é algo que entrava a vida, é algo a vencer. E por quem? Por algo oposto que parece, no poema, ter a força para superar esse entrave.

Já no primeiro texto, temos de um lado o desespero e, de outro, o beijo encontrado “na casa agora abrigada/na cor da canção encantada/na água que corre liberta/ou na solidão do poema”. Para se chegar até aí, o poema sugere que não se dê nome ao desespero. Ou que, em caso de não ter saída, chamar de “som, arco-íris”, entre outros nomes mais amenos e sempre positivos.

Pode-se pensar que esse é um poema da sua juventude, lá em *A Gema e o Amarelo*, de 1988, e que, com o amadurecimento, sua visão mudaria. Mas não. Sua visão, na verdade, com o passar do tempo, só aprimora o trato com as dualidades. Em “A chance”, poema que saiu no livro *O Auge de Minha Coragem É Quando Não Ando Sozinho*, de 2023, temos o debate com uma afirmação de Elias Canetti que diz que a gente se acostuma com a guerra, se for longa, mas não com a morte:

Com a guerra, se for longa,
disse Elias Canetti:
com a morte, não,
ele acrescentou,

mas tem gente
que com ela
habitou-se.

Bendito o amor,
esta chance de
não se acostumar.

Aqui, de um lado, a morte e, de outro, o amor. O lado positivo sempre dá um jeito, nos poemas do autor, de vencer ou de suplantar o negativo. Se não for o amor a ser mais do que a morte, pode ser a arte, como nesse fragmento do poema “Sem fim”, do livro *Trechos*, de 2004:

a arte é simples
só quer pôr de volta
na vida a vida
seria um novo ciclo
mas vem nova morte
seria o final
mas vem outra arte

Há, se formos recorrer a dados biográficos, um fundo psicanalítico, com a pulsão de vida e a pulsão de morte sempre em plena tensão. O analista procura puxar a pulsão de vida lá do fundo do analisado como forma de se seguir lutando para encontrar o equilíbrio e a força para superar seus problemas. O poeta aqui se vira para achar uma brecha no desespero, como quem diz a si mesmo, ou como Drummond dizia a si mesmo: “Não se mate, oh não se mate”.

Esse compromisso com a vida, com a afirmação da vida, traz para a poesia de Gutfreind toda a luta e o trabalho para que o viver não se dobre a tudo o que tenta destruí-lo de manhã à noite, da infância à velhice, da família e seu acolhimento aos conflitos do inconsciente, da crença no amor aos seus percalços, da arte como ofício à desatenção ao que se cria, enfim, não é fácil apostar na vida. Mas a poesia de Celso Gutfreind aposta. Mesmo que, desde cedo, ele saiba, como no “Poema com todos os vícios”, do livro *Hotelzinho da Sertório*, de 1991, “que a vida sempre/chega depois.”

Toda essa dualidade se estende também à estética. Na “Nota do autor”, ele diz que continua “golpeando com a forma e recuperando o conteúdo”. Não tem em vista uma unidade entre forma e conteúdo. Contudo, o “Poeta se salva na ginga, //no ritmo e na melodia”, ele afirma em “No perigo”, outro poema do livro *Hotelzinho da Sertório*.

Então o ritmo, esse elemento deformante, aquele que deforma todos os outros no verso livre, como dizia Tynianov, é que faz a forma vencer o conteudismo cru na

poesia desse autor. Em “O último ritmo”, também de *Trechos*, temos que “O poeta é o alfaiate” “e dá o troco//de ritmo novo e barato:/a última roupa nova/e verdadeira no mundo.” O ritmo é, no fim das contas, num possível encontro entre forma e conteúdo, a pulsão de vida na poesia de Celso Gutfreind.

Ricardo Silvestrin

Poeta